

A UNIVERSALIZAÇÃO DO REINO DE DEUS

Ronaldo R.M. de Almeida

RESUMO

Tendo em vista a expansão do pentecostalismo no Brasil, em especial da Igreja Universal do Reino de Deus, o objetivo deste texto é o de reconstruir o discurso religioso elaborado e a forma de crescimento desta igreja. Neste sentido, os conflitos com a Rede Globo e com a Igreja católica durante o segundo semestre de 1995, cujo palco privilegiado de discussão foram os meios de comunicação, servirão como pretexto para pensar elementos internos à Igreja Universal e de que maneira ela rege sua relação com a sociedade.

Palavras-chave: neopentecostalismo; Igreja Universal do Reino de Deus; conflito religioso; mídia.

SUMMARY

In considering the expansion of Pentecostalism in Brazil, especially through the Universal Church of the Kingdom of God, this article seeks to reconstruct the religious discourse involved and the forms in which this church has expanded. Recent events, such as the disputes with the Globo television network and with the Catholic Church during the second half of 1995, which had ample coverage in the mass media, afford an opportunity to take an inside look at the Universal Church and to question how it conducts its relations with society as a whole.

Keywords: Universal Church of the Kingdom of God; Globo network; Catholic Church.

Há algum tempo os evangélicos vêm ocupando o noticiário nacional. Entre outras razões, a crescente visibilidade foi conquistada pela realização de grandes concentrações em templos e lugares públicos, demonstração de intenso crescimento numérico; pela penetração em diversos países do mundo, o que denuncia a expansão geográfica; e pela extrapolação do âmbito estritamente religioso, evidenciada na crescente presença na esfera política e nos meios de comunicação. Tal expansão despertou, mais do que em qualquer outro momento, o interesse e a desconfiança da mídia brasileira durante o segundo semestre de 1995. Tendo a Rede Globo como veículo privilegiado de divulgação e a Igreja Universal do Reino de Deus como alvo central das críticas, o país assistiu a uma disputa que desenca-deou, em certo momento, uma tensão entre dois importantes segmentos religiosos, o catolicismo e o pentecostalismo.

Num crescendo, o debate conquistou maior audiência em três episódios. Primeiro, provocado por uma ficção: a minissérie "Decadência". Segundo, como conflito religioso, iniciado no episódio que foi chamado de "chute na santa". Por fim, como denúncia, realizada pelo ex-pastor da Igreja Universal, Carlos Magno, através de uma fita de vídeo. Tais acontecimentos levaram a igreja ao seu maior momento de constrangimento diante da sociedade brasileira, como também à investigação do Poder Público. O objetivo deste texto é compreender como se expande a Igreja Universal, e em que medida esses fatos revelam sua imagem pública.



"Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado."

Essa ordem, encontrada no epílogo do Evangelho de Marcos, foi um dos últimos mandamentos dados por Cristo antes de sua *Ascensão* aos céus. Nela, assim como em inúmeros outros trechos do Novo Testamento, é possível encontrar o caráter missionário e universal da fé cristã: a mensagem de salvação é estendida a todos os homens e é dever do cristão propagá-la.

Entretanto, durante séculos de cristianismo, a missão evangelizadora adquiriu formas e sentidos diferentes, variando conforme novas instituições religiosas se constituíam. Assim, apesar do caráter universal do sacrifício de Cristo, o processo de institucionalização da *Verdade* dos Evangelhos nas mais variadas igrejas implicou a diferenciação e a consequente disputa entre as diversas interpretações bíblicas, na medida em que cada uma afirmava a posse da melhor compreensão do sentido da *Revelação*. A Reforma Protestante, por exemplo, sob o signo da contestação pregou, entre outras coisas, o rompimento com diversos dogmas do catolicismo. Como consequência, o protesto dos reformadores colocou católicos e protestantes em pólos distintos do cristianismo — isto sem falar, evidentemente, das diferenças no interior dessas duas grandes matrizes cristãs; diferenças que, surgidas devido às circunstâncias históricas ou às discordâncias teológicas, foram resolvidas ou pela tolerância católica ou pela fragmentação protestante.

O pentecostalismo, por sua vez, nascido do seio protestante no começo deste século, veio incrementar ainda mais o espectro das igrejas cristãs. Longe da tolerância católica e mais sectários do que o protestantismo histórico, os pentecostais fizeram da dissidência religiosa um dos processos recorrentes para a solução das divergências internas entre as várias interpretações bíblicas e/ou a ascensão de novas lideranças carismáticas.

Presente no Brasil desde 1910, quando aqui chegaram a Congregação Cristã do Brasil e, alguns meses depois, a Assembléia de Deus, o pentecostalismo experimentou nos anos 50 uma profunda inflexão na dinâmica de expansão. Com forte ênfase na "cura divina", o movimento "Cruzada

Nacional de Evangelização", conduzido pela Igreja do Evangelho Quadrangular, promoveu uma ofensiva evangelização no país. Além de novos convertidos, o movimento produziu também novas lideranças e igrejas. Manuel de Melo e Davi Miranda, fundadores de O Brasil para Cristo e Deus É Amor, respectivamente, são alguns dos principais pregadores a imprimir um estilo todo pessoal às suas igrejas. Apesar de estilos diferentes, a influência sobre os fiéis e a capacidade de centralização do poder eclesiástico em nada deve ao que encontramos na relação do bispo Macedo com a Igreja Universal.

É interessante que as cisões de forma alguma significaram uma perda numérica do pentecostalismo; ao contrário, quase sempre resultaram num aumento do apetite proselitista. Afinal, como a posse do melhor entendimento da *Verdade* bíblica era uma das causas principais das divisões, ou talvez o efeito delas, cabia aos dissidentes a missão de converter as outras pessoas à sua reformulada doutrina. Dessa maneira, combinando fragmentação das igrejas e adesão de uma massa de incrédulos, o pentecostalismo foi se expandindo pelo país¹.

E, como se fosse pouco, já há algum tempo o pentecostalismo brasileiro extrapolou as fronteiras nacionais. De um país consumidor, o Brasil tornou-se também um próspero exportador de religiões, sendo as afro-brasileiras² e o pentecostalismo nossos bens religiosos mais consumidos no exterior. No caso dos Estados Unidos, país de origem do pentecostalismo, o vetor inverteu-se, na medida em que algumas igrejas e, principalmente, os bispos da Igreja Universal elegeram este país como um campo missionário a ser conquistado. Umas mais outras menos, as igrejas pentecostais, de um modo geral, estão conciliando uma expansão numérica, institucional e territorial.

Diante do leque de opções criado, restaram como alternativas de convivência entre as igrejas cristãs, e da convivência destas com as religiões não cristãs, do mais abrangente ecumenismo até o mais intolerante proselitismo. A Igreja Universal como uma igreja cristã — por mais que alguns questionem sua cristandade — não escapou desse gradiente de comportamento religioso-institucional. Sua posição é de belicosa intolerância e intenso proselitismo. Em outros termos, ela afirma a superioridade da sua relação com o deus cristão e faz da universalização da sua mensagem, evidenciada na rápida penetração em diversos países do mundo, o seu objetivo último.

Essas características, entre tantas outras, acabaram colocando a Igreja Universal em maior evidência do que o restante dos evangélicos. Não foi à toa que essa igreja, em tão pouco tempo, transformou-se em exemplo do que tanto a imprensa quanto as publicações católicas denominaram genericamente de "seitas evangélicas", ou, mais restritamente, "seitas pentecostais". De fato, tal associação não é gratuita. A Igreja Universal criou um estilo particular que, no conjunto de suas ações, a colocou em destaque. A Assembléia de Deus pode ser a maior denominação evangélica do Brasil, mas a Igreja Universal construiu uma estrutura de arrebanhamento de fiéis

(1) Segundo o Censo Institucional Evangélico, realizado pelo ISER, em 1992, só na região do Grande Rio existiam 52 igrejas evangélicas, sendo 37 delas pentecostais. E, dentre estas, vinte nasceram depois de 1970. Convém informar que todas as denominações possuíam no mínimo quatro templos.

(2) Oro, Ari Pedro, org. "As religiões afro-brasileiras: Religiões de Exportação", *Cader-nos de Antropologia*, nº 10, Porto Alegre, 1993.

que faz dela a denominação mais ascendente no país. Utilizando-se dos meios de comunicação, grandes concentrações populares, e convidando insistentemente os incrédulos a participarem dos seus cultos, conseguiu que uma quantidade expressiva de pessoas passasse pelos seus templos. Na verdade, como parte da clientela solicita os serviços religiosos somente nas situações de aflição, muitos não permanecem; entretanto, outros tantos comprometem-se com a instituição, tornando-se, muitos deles, obreiros, pastores e bispos, ou ainda funcionários de algum dos seus empreendimentos financeiros, dado que a igreja procura empregar aqueles que o apóstolo Paulo chamou de "os domésticos da fé" (Gálatas 6:10).

De um ponto de vista mais doutrinário, a Igreja Universal também demarca algumas diferenças. Em primeiro lugar, a cura. Tanto os pentecostais quanto a versão católica do pentecostalismo, a Renovação Carismática, prometem a cura do corpo. Mas a Igreja Universal, em pregação ostensiva, promete desde a cura da dor de cabeça, da depressão, do desmaio, do nervosismo, em suma, dos infortúnios que atingem o cotidiano de qualquer pessoa, até a cura da doença mais estigmatizada deste fim de século, a Aids. De forma mágica, através do contato com "óleos santos", "sal abençoado", "roupas ungidas", a cura é prometida a todos que têm fé. Portanto, é no mínimo insuficiente o argumento de que as pessoas procuram a igreja simplesmente por não terem à sua disposição serviços de saúde oferecidos pelo Estado. A Igreja Universal promete mais do que o Estado e a medicina podem proporcionar. A cura milagrosa da Aids, a cura do câncer sem sacrifícios e a cura de outros males são respostas oferecidas à aflição do fiel frente ao sofrimento e à morte. Tudo isso é alardeado de forma espetacular nos jornais, templos, rádio e televisão. Com tamanha divulgação, essas promessas fazem dos cultos destinados à cura um dos mais frequentados.

Em segundo lugar, assim como a Igreja Universal, quase todos os pentecostais praticam de alguma maneira o exorcismo. Mas nela, o exorcismo tornou-se peça central da dinâmica dos cultos, na medida em que os males da vida encontram sua origem em Satanás e seus demônios. O desemprego, a miséria, a crise familiar — novamente, os problemas que afligem o cotidiano das pessoas, principalmente das camadas mais desfavorecidas da população — são quase sempre de origem maligna. Além disso, segundo sua interpretação, o diabo é o ser cultuado por outras religiosidades, mais especificamente pelas afro-brasileiras. O desemprego, por exemplo, não é o resultado de uma estrutura social injusta, como afirmaria a Teologia da Libertação, e sim da possessão de alguma entidade, no caso os Exus Tranca-Rua e Sete-Encruzilhadas — assim prega o bispo Macedo, autor do livro *Libertação da teologia*, no qual exorta os fiéis a não se iludirem com os perigos da atéia razão humana. Assim, dado que a Igreja Universal estrutura seu discurso na oferta de soluções dos problemas e faz do combate a outras religiões um de seus grandes propósitos, o Diabo torna-se, talvez mais que Deus, o elemento fundamental para sua compreensão.

Por fim, protestantes, pentecostais e até mesmo católicos têm a doação do dízimo como um ensinamento bíblico (Malaquias 3:10-12), muito embora

exista uma variação no compromisso dos seus respectivos fiéis na obediência deste. Já na Igreja Universal, e nas denominações neopentecostais, o dízimo é o limite mínimo de doação exigido por Deus para a prosperidade financeira. Através dos votos e ofertas especiais, a quantia oferecida pelos fiéis acaba em vários casos extrapolando em muito os 10%³. Mas o diferencial principal não está só na porcentagem da renda doada, e sim no discurso religioso que sustenta tal prática. O dízimo não é visto como sinal de gratidão pelo que foi proporcionado por Deus, como pregam algumas igrejas, mas é um investimento na obra divina do qual o fiel espera o retorno de bons rendimentos. Diga-se de passagem, se os pastores fazem do dízimo uma relação mercantilizada com o seu deus, é importante ressaltar que os fiéis — pastores e obreiros em potencial — são cientes dos termos dessa relação e procuram a igreja, entre outras coisas, com o propósito de prosperar na vida. Longe do trabalho "vacionado", como ensinou Lutero, e distante da doutrina em que a riqueza era sinal da condição de predestinado, como pregou Calvino⁴, a Igreja Universal proclama uma relação com Deus baseada na certeza de um bom investimento.

Em resumo, sobre o tripé cura, exorcismo e prosperidade financeira⁵, e tendo o diabo como a origem de todos os males, a Igreja Universal demarcou o seu espaço no cenário da religiosidade popular brasileira. Sem maiores elaborações teológicas, a Igreja Universal, mais do que qualquer denominação evangélica, elaborou uma mensagem para atender às demandas mundanas imediatas.

Com certeza, dentre os três elementos acima citados, a relação com o dinheiro suscitou maior desconfiança, e até mesmo indignação, naqueles que não partilham desse credo. O romance *Decadência*, escrito por Dias Gomes, traduziu esse incômodo, ao construir uma imagem da Igreja Universal em parte já presente nos meios de comunicação. Adaptado para uma minissérie da Rede Globo, *Decadência* contou a história do ex-menino de rua Mariel, que, quando adulto, converteu-se a uma igreja pentecostal, dando início à vida religiosa. Foi necessário somente algum tempo para Mariel ascender à condição de pastor, para, logo em seguida, liderar a igreja, tornando-se, desta maneira, Dom Mariel. Prometendo, além da vida eterna, o conforto nesta vida através da cura e da prosperidade financeira, Mariel foi aos poucos distanciando-se de um pentecostalismo mais clássico que pregava com insistência o "distanciamento do mundo". Oferecia aos excluídos do país a promessa de riqueza e o usufruto dos bens materiais, com prazer e sem muita culpa. Tudo isto proporcionado pela entrega dos dízimos e ofertas à sua igreja "Divina Chama" — por sinal, um bom nome para uma igreja pentecostal. E para completar a situação, Mariel utilizou-se das ofertas arrecadadas para expandir desonestamente o patrimônio da igreja e o próprio, enviando dinheiro para fora do país ou adquirindo estações de rádio e um canal de televisão.

A ascensão de Dom Mariel ocorreu durante o período do pós-regime militar até o *impeachment* de Fernando Collor. Segundo a história, a conjuntura política e econômica da "década perdida" propiciou a emergên-

(3) Mariano, Ricardo. *Neopentecostalismo: Os pentecostais estão mudando*, tese de mestrado, USP, 1995.

(4) Weber, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1987.

(5) CEDL. *Alternativas dos desesperados: Como se pode ler o pentecostalismo autônomo*, 1991.

cia de banqueiros e parlamentares corruptos, especuladores financeiros e lobbistas profissionais, além dos comerciantes da fé, no caso, os pastores evangélicos. Instabilidade política, corrupção generalizada nos negócios públicos e usurpação da boa-fé popular: com esses elementos, Dias Gomes compôs o universo de *Decadência*.

As características da ascensão de Dom Mariel e as novidades apresentadas por sua igreja remeteram de imediato o telespectador à trajetória do bispo Edir Macedo, líder e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus. E ninguém mais do que a própria igreja reconheceu que o personagem criado, de alguma forma, foi inspirado na imagem do bispo vigente na mídia. Em contrapartida, a Igreja Universal partiu para o ataque à Rede Globo utilizando a Rede Record, em especial o programa de debates "25ª Hora".

Apesar dos intensos protestos, a minissérie despertou também a discussão sobre a extrapolação do âmbito propriamente religioso por parte da Igreja Universal. Além de apresentar o tripé cura, exorcismo e prosperidade financeira como características internas, sua relação com a sociedade não se guiou pelo "distanciamento do mundo"; ao contrário, a relação resultou, com bastante sucesso, na ocupação de espaços qualitativamente novos.

A política é um exemplo claro. Acompanhando o fluxo dos pentecostais em direção à esfera política, a Igreja Universal elegeu seu primeiro deputado federal em 1986. Ao todo, os pentecostais conseguiram eleger dezoito, o que contrastou, em muito, com os dois eleitos em 1982; além destes, os protestantes históricos elegeram dezesseis deputados⁶. À parte alguns ideologicamente identificados com a esquerda e a centro-esquerda — dentre eles, a fiel da Assembléia de Deus Benedita da Silva —, esses deputados formaram o bloco político-religioso conhecido como a "Bancada Evangélica", que conquistou, entre outras coisas, várias concessões de rádio e televisão para o povo evangélico. Tudo isso graças ao apoio político dado ao presidente Sarney, mais precisamente na votação que lhe garantiu o mandato de cinco anos⁷.

Se o desempenho da "Bancada Evangélica" revelou em muitos dos seus membros um perfil fisiológico, fato que acentuou a imagem negativa desses religiosos, a entrada na esfera política significou uma importante inflexão entre os evangélicos, expressa na mudança do lema "Crente não participa de política" para "Irmão vota em irmão". E ninguém mais que a Igreja Universal adotou a nova postura e se beneficiou tanto do poder político conquistado. Muito provavelmente devido ao questionável desempenho da "Bancada Evangélica", a eleição seguinte não obteve o mesmo sucesso de 1986 — em 1990, os evangélicos elegeram 23 deputados. Entretanto, se, no conjunto, o número de deputados evangélicos caiu, na Igreja Universal ele cresceu. De um deputado, em 1986, passou para três, em 1990, e atualmente conta com seis, sendo um deles uma irmã do bispo Macedo. Numa calculada estratégia eleitoral, a Igreja Universal distribuiu os votos que cada templo poderia gerar, de tal maneira que todos os candidatos

(6) Pierucci, Flávio. "Representantes de Deus em Brasília: A Bancada Evangélica na Constituinte", *Ciências Sociais Hoje*, 1989.

(7) Freston, Paul. *Protestantes e política no Brasil: Da Constituinte ao impeachment*, tese de doutorado, Unicamp, 1993.

apresentados nos estados de São Paulo (dois), Rio de Janeiro (três) e Bahia (um) foram eleitos.

Desse grupo, destaque-se o deputado federal Laprovita Vieira, que apareceu na fita de vídeo do pastor Carlos Magno, na qual é indagado por um bispo sobre a possível origem ilícita de um de seus bens. Embora a pergunta tenha sido feita em tom de brincadeira, o deputado Laprovita Vieira — dando continuidade à obscura relação, há muito existente no Brasil, entre o poder público e os meios de comunicação — foi peça-chave na negociação desse importante passo dado pela Igreja Universal no seu processo de expansão que foi a compra da Rede Record.

Não é propriamente uma novidade a presença evangélica nos meios de comunicação. Os evangélicos já entraram nesse circuito há algumas décadas; primeiro ao alugarem alguns horários no rádio, depois ao investirem na compra das rádios. A entrada na televisão ocorreu de maneira expressiva na década de 80. Sob a influência dos pregadores eletrônicos norte-americanos, as igrejas brasileiras fizeram da televisão um veículo fundamental no projeto de evangelização de massa — proposta que começou a ser concretizada, de forma significativa, por setores do catolicismo somente há pouco tempo, através do canal a cabo Rede Vida.

A compra da Rede Record é parte desse projeto missionário. Entretanto, a aquisição significou algo mais do que todo o esforço evangélico anterior, pois da condição de notícia, a Igreja Universal passou à de produtora de notícia. Por mais impressionante que seja o volume de dinheiro envolvido na transação da Rede Record (segundo a imprensa, os valores variaram em torno de US\$ 40 milhões), o mais interessante é o fato de uma igreja pentecostal ter em mãos a posse de um canal de televisão, e poder, conseqüentemente, definir as linhas gerais de sua programação. A condição de locatários de alguns horários restringia aos evangélicos uma possível autodefesa em relação aos escândalos nos quais estavam envolvidos, principalmente os da "Bancada Evangélica". Agora, com a concessão do Estado, a Igreja Universal pode participar dessa arena pública, de dimensão nacional, formada pela mídia eletrônica. Embora a audiência da Rede Record seja ainda baixa, a Igreja Universal pode a qualquer momento e quantas vezes desejar responder aos ataques da Rede Globo com maior visibilidade.

A concessão de participar dessa arena política de forma autônoma — possibilitada aos partidos políticos somente nos horários eleitorais gratuitos — colocou a Igreja Universal num patamar distinto do restante dos evangélicos, ao poder realimentar, pela Rede Record, sua participação nas esferas do poder. Isto é, apesar de possuir uma quantidade menor de membros em face de outras denominações evangélicas, a Igreja Universal tem condições de eleger proporcionalmente um número maior de vereadores e deputados graças à visibilidade alcançada através de um canal televisão.

Poderíamos dizer que a experiência de um canal evangélico não é exatamente nova, afinal, em 1983, o pastor batista Nilson Fanini recebeu do

então presidente João Figueiredo a concessão do canal 13, da extinta TV Rio⁸. Entretanto, como televisão é um empreendimento bastante caro, Fanini não conseguiu manter o canal, o qual foi posteriormente vendido à Rede Record. Nas mãos da Igreja Universal, a TV Rio foi tratada antes de tudo como um negócio que precisa se auto-sustentar e dar lucro. Ao invés de ocupar os horários nobres com uma programação religiosa, a Rede Record vende à Igreja Universal os horários das 23h30 até às 8h00 do dia seguinte, mantendo uma programação comercial no restante do tempo. Através do "25ª Hora", do "Palavra de Vida", do "Despertar da Fé" e outros mecanismos que estão sob investigação policial, a Igreja Universal conseguiu capitalizar seu canal de televisão. Assim, mesmo que seja verdadeira a denúncia do pastor Carlos Magno, segundo a qual o bispo Macedo teria recebido US\$ 1 milhão do narcotráfico colombiano, foram os US\$ 39 milhões restantes recolhidos nos templos que possibilitaram a compra e a manutenção do empreendimento.

Ademais, demonstrando um agudo senso empresarial, a Igreja Universal não restringiu seus negócios à televisão. Além da Record, a igreja possui, entre outras coisas, o Banco de Crédito Metropolitano, trinta emissoras de rádio no Brasil, duas gráficas, a gravadora Lines Record, uma editora, uma produtora de vídeo, uma fábrica de móveis, dois jornais e outros tantos imóveis espalhados por 41 países de todos os continentes⁹. Se a ética protestante orientava a conduta econômica do puritano calvinista, cabendo à instituição religiosa somente o ensinamento da doutrina da predestinação, com a Igreja Universal temos a própria instituição relacionando-se com o mercado, impulsionada pela missão evangelizadora. Desta maneira, a igreja construiu, em apenas dezoito anos de existência, uma verdadeira *holding* multinacional, cujo produto básico que dinamiza toda a estrutura é a fé. Logo, mais do que o usufruto do dinheiro da igreja nas praças de Angra dos Reis por parte dos líderes — conforme o vídeo apresentado pelo pastor Carlos Magno —, o que impressiona é a eficiente estratégia de expansão cujos negócios convergem para um único fim: o arrebanhamento de fiéis. *Uma construtora de templos, nos quais são recolhidas as ofertas, que são depositadas no banco, para financiamento da editora, rádio e televisão, que, por sua vez, têm a função de evangelizar novas pessoas, que necessitam de mais templos... Em suma, uma crescente retroalimentação entre a política, a mídia e o empreendimento comercial, cujo princípio motor é a adesão de novas pessoas. Mais do que qualquer outra denominação evangélica, a Igreja Universal conseguiu articular-se em três espaços distintos de forma rápida e eficiente.

Além de essa estrutura contribuir na produção de adeptos, também significou uma ocupação maior do espaço público, o que proporcionou, e muito, a visibilidade da igreja. E graças ao intenso proselitismo, formou-se um trânsito de pessoas que saem da sua instituição religiosa para a Igreja Universal. Tais características expansivas criaram uma tensão com a Igreja católica, latente até o episódio do "chute na santa"; afinal, é no seu rebanho que a Igreja Universal busca boa parte dos seus adeptos. Dessa forma, essa

(8) Assmann, Hugo. *A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986.

(9) *Jornal do Brasil*, 25.12.95.

igreja pentecostal acabou se contrapondo à instituição hegemônica no espaço público brasileiro tanto na tradição quanto nos símbolos religiosos da maioria da população. Em consequência, se a Teologia da Libertação ocupou, mais acentuadamente na década de 80, o centro das atenções por questionar — mais do que o capitalismo — o centralismo teológico e institucional do Vaticano, a expansão das denominadas "seitas pentecostais" é, há algum tempo, o foco das preocupações da hierarquia católica. Leonardo Boff, nos anos 80, e Edir Macedo, nos anos 90; cada um a seu tempo e a seu modo, mobilizaram a atenção da Igreja.

Acreditando no temor católico da expansão evangélica, a Igreja Universal acusou a Igreja de Roma de perseguição religiosa, concretizada numa suposta cumplicidade com a Rede Globo na exibição de "Decadência". Haveria, portanto, um conluio formado pela concorrente nas telecomunicações e pela concorrente religiosa, cuja intenção seria promover uma nova inquisição com a finalidade de frear o crescimento da Igreja Universal. A minissérie foi exibida durante três semanas, tempo em que a Igreja Universal, através da Rede Record, do jornal *Folha Universal*, das rádios e dos pastores, conclamava os fiéis a não se intimidarem frente à Rede Globo e à verdadeira promotora deste episódio, a Igreja católica. Sem dar a outra face, a Igreja Universal potencializou o conflito. A reação do catolicismo, entretanto, só se concretizou quando o "Jornal Nacional" mostrou o responsável pela Igreja Universal em São Paulo, o bispo Sérgio von Helde, "chutando" uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, no programa "O Despertar da Fé", justamente em 12 de outubro, dia da Padroeira do Brasil. As imagens, que foram repetidas vezes exibidas na Rede Globo, geraram indignação, atos de desagravo e até mesmo violência de alguns fiéis católicos.

Com certeza, dentre todos os três episódios, o "chute na santa" foi o mais tenso e sua interpretação a mais capciosa. Por um lado, o episódio gerou a idéia de que se instaurava no país uma "guerra santa" *stricto sensu*. A denúncia posterior do pastor Carlos Magno demonstrou que a Rede Globo, muito mais do que a Igreja católica, ocupava um dos pólos principais do conflito. Tanto os noticiários da TV Globo quanto os do jornal *O Globo* mostraram maior empenho em acusar a Igreja Universal do que qualquer reação católica. Por outro, seria equivocado afirmar que se tratava tão-somente de uma guerra comercial entre duas emissoras de televisão. As acusações da Rede Globo procuraram atingir a Igreja Universal como um todo, e não só a Rede Record. Assim sendo, isolando os personagens principais desta profusão de acontecimentos e interpretações, de um lado, tínhamos uma das maiores emissoras de televisão do planeta; de outro, o grupo religioso que mais cresce no Brasil, e que também é proprietário de uma emissora de televisão. E, como se não bastasse, este grupo acusou a maior instituição religiosa do Brasil de cumplicidade com a emissora rival. Assim, nem guerra comercial nem "guerra santa", mas ambas simultaneamente. Ora um conflito religioso cujo palco foi a mídia, ora uma disputa interna à mídia traduzida em linguagem religiosa. A dificuldade de elaborar

maiores distinções deve-se ao fato de que expansão religiosa e empreendimento financeiro são coisas pouco distintas na Igreja Universal.

A compreensão do episódio também foi capciosa porque não houve nenhuma novidade na atitude de Von Helde. A Rede Globo trouxe à cena uma prática comum na Igreja Universal, a de escárnio em face de outras religiões. Aliás, uma das acusações que levaram o bispo Macedo à prisão, em 1992, foi a de vilipêndio religioso, tendo sido sua principal vítima as religiões afro-brasileiras, muito mais do que o catolicismo.

Ao invés de mostrar o bispo Von Helde "chutando" a imagem da Aparecida, a Rede Globo poderia exibir o mesmo bispo, ao som da "Ave Maria" de Gounod, orando na Rede Record, sempre às 18h00; uma fórmula equivalente à "Hora do Angelus" da Igreja Católica. Ou ainda mostrá-lo, nas madrugadas de sexta-feira, escarnecendo e exorcizando as entidades afro-brasileiras nos cultos de libertação. Ali, as entidades são satanizadas e, em contrapartida, o inferno descrito pela Igreja Universal adquire um perfil afro-brasileiro.

A Rede Globo, no entanto, selecionou o "chute" na imagem da santa. Afinal, por mais que as religiões afro-brasileiras e as igrejas pentecostais estejam em ascendência numérica; por mais que a Igreja católica esteja perdendo fiéis, restando algum crescimento para a Renovação Carismática; e, enfim, por mais que parte significativa dos católicos brasileiros transitem simultaneamente entre terreiros de macumba, centros espíritas e templos católicos, ora pagando promessa à Aparecida ora oferecendo despachos à Pombagira, existe uma grande diferença entre essas duas divindades em relação à legitimidade de seus respectivos credos no espaço público brasileiro. O pedido público de desculpa do bispo Macedo caracterizou muito mais um recuo do que um arrependimento. O que comprometeu a Igreja Universal foi a explicitação da intolerância contra a maior instituição religiosa do país, a Igreja católica.

É curioso que ambas, tanto a Igreja Católica Apostólica Romana quanto a Igreja Universal do Reino de Deus, tragam nos respectivos nomes o termo "universal". No sentido doutrinário mais amplo, diria que ambas concordam com o alcance universal do sacrifício de Cristo, assim como com a necessidade de propagação da mensagem cristã através da atividade missionária, conforme ensina o Evangelho de Marcos, citado anteriormente. De um ponto de vista sociológico, a Igreja Universal difere da secular Igreja católica que é, segundo Troeltsch, uma religião incorporada à ordem social, contemporizada com o Estado e as condições econômicas. Uma catolicidade (um universal) ligada histórica e sociologicamente à tradição de um povo, de tal maneira que o indivíduo já nasce católico, não sendo necessária sua conversão¹⁰.

A Igreja Universal, por seu turno, apresenta características particulares na sua universalização. Nascida e desenvolvida nas periferias do Rio de Janeiro, primeiro, e, depois, nas de São Paulo, a igreja criou uma relação com as oponentes, Umbanda e Candomblé, de intensa troca de símbolos e inversão de seus conteúdos originais; e, apesar do episódio "chute na

(10) Troeltsch, Ernest. *Igrejas e seitas, Religião e sociedade*, v. 14/3, 1987.

santa", adotou o mesmo procedimento com o catolicismo popular. Desta maneira, todo esse caldo difuso das religiões populares brasileiras contribuiu, em grande medida, para a formação do repertório simbólico da Igreja Universal. A universalização, assim, ocorreu graças a uma certa plasticidade da igreja, que assimila elementos de outras religiões compondo um novo discurso. A debilidade dos vínculos com uma tradição religiosa e a simplicidade do discurso garantiram-lhe uma maior aderência a diferentes contextos religiosos.

Universalização, também, no sentido de ocupação do espaço público; tarefa resultante do caráter adaptativo associado à mobilização de esforços para um fim determinado. Enquanto o catolicismo debatia-se teologicamente sobre como realizar uma missa na televisão¹¹, a Igreja Universal, valendo-se cada vez mais da linguagem televisiva, penetrou nas casas, transmitindo, via satélite, suas mensagens, curas e bênçãos. Negando o apoliticismo pentecostal vigente até o início da década de 80, a Igreja Universal acompanhou a redemocratização do país buscando representatividade nas esferas de poder. Ou ainda, sustentando exorcismos e milagres sobre uma estrutura comercial eficiente, a Igreja Universal dilui noções como arcaico e moderno.

E, mais ainda, universalização enquanto propagação de uma mensagem que responde aos apelos imediatos de milhões de pessoas. Mais do que a doença, ela responde ao medo de alguma incurável e estigmatizada doença. Além de nos livrar dos constantes problemas financeiros, promete tornar-nos ricos. Universal, em suma, como ampla interlocução com a sociedade, que visa uma maior ocupação do espaço público e, se possível, a conversão dos interlocutores ao Reino de Deus; e, uma vez convertidos, exige exclusividade no compromisso, gera intolerância com o que lhe é diferente, e desenvolve a ambição de um dia tornar-se maioria.

O projeto de expansão da Igreja Universal, no entanto, sofreu um forte abalo com os acontecimentos deste último semestre. Seus bispos e a instituição como um todo encontram-se atualmente sob investigação policial. Mais do que em qualquer outro momento, a imagem pública da igreja ficou comprometida. Toda esta situação, entretanto, não afetou a fé da maioria dos fiéis. Ao contrário do que alguns jornais noticiaram, os templos continuaram cheios após a denúncia do pastor Carlos Magno¹².

Não é a primeira vez que a Igreja Universal encontra-se numa situação complicada. Edir Macedo foi preso por estelionato, curandeirismo, charlatanismo e vilipêndio de religiões, em 1992, além de ter sido intimado a depor na CPI do narcotráfico. Nas duas situações foi livrado devido, principalmente, à intervenção dos políticos ligados à igreja. Caso isto se repita, muito provavelmente os bispos e a igreja buscarão uma "boa medida" nas suas ações que lhe garanta crescer por mais tempo.

Caso aconteça algum tipo de condenação judicial da liderança da igreja, alguns fiéis migrarão para outras denominações onde poderão congrega-se. Afinal, o pentecostalismo tem um espectro muito amplo de denominações, sempre aberto a novos fiéis. De outro lado, uma quantidade

(11) Estudos da CNBB: *Liturgia de Rádio e Televisão*, nº 33, 1994; *Missa de Televisão*, nº 70, 1994; *Comunicação e Igreja no Brasil*, nº 72, 1994.

(12) *O Globo*, 27.12.95.

(13) *Folha Universal*, nº 10, maio de 1992.

(14) Muito por conta dos acontecimentos do último semestre, uma dissidência já foi formada. Assim como fizeram Romildo Soares, ao fundar a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980, e o pastor Carlos Magno, ao fundar a Igreja do Espírito Santo, em 1991, o bispo Renato Suhett inaugurou no último mês de janeiro o primeiro templo da Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo, localizado num grande cinema do Brás, a duas quadras da sede nacional da Igreja Universal.

significativa de pessoas ainda permanecerá fiel. Primeiro, porque a Igreja Universal constituiu uma estrutura burocratizada que prescinde de certos líderes. Aliás, no pentecostalismo, lideranças são produzidas com bastante frequência. E, segundo, porque os bispos, mesmo condenados, assumirão a condição de perseguidos, assim como fez Edir Macedo, em 1992¹³. Por sinal, perseguição é completamente compatível com o discurso religioso pentecostal, pois era nesta situação que se encontravam os apóstolos e discípulos quando houve a "descida do Espírito Santo", no Dia de Pentecostes (Atos dos Apóstolos, 2). E, por fim, obedecendo à velha fórmula, recorrente nos momentos de divergências, haverá dissidências de líderes e fiéis que formarão novas igrejas¹⁴. Tal solução, estrutural ao próprio processo de expansão, garantirá maior longevidade e disseminação da fé pentecostal.

Recebido para publicação em
fevereiro de 1996.

Ronaldo R. M. de Almeida é
mestrando em Antropologia
Social na Unicamp, e pesquisador do Cebap e do Nepo (Unicamp).

Novos Estudos
CEBRAP
N.º 44, março 1996
pp. 12-23
